

## **INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA UME JOSÉ DA COSTA BARBOSA DA CIDADE DE SANTOS/SP: UM DESAFIO NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Elis Roselene Melo Calçada<sup>1</sup>  
elisroselene@iecrystalsantista.com.br<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho aborda a formação do professor da sala de ensino regular da Educação Infantil com a tônica para o atendimento ao aluno com Transtorno do Espectro Autista. Com a intenção de responder à pergunta problema se os professores das salas regulares estão capacitados para atender às especificidades da inclusão dos alunos autistas. Pela utilização de métodos qualitativos houve a possibilidade de se obter resultados aprofundados, se apropriar de uma visão mais ampliada e de uma vasta riqueza interpretativa dos dados. Esta pesquisa possui caráter descritivo onde foi possível, registrar e analisar dados com mais precisão, proporcionando maior compreensão sobre o tema estudado, sendo eles: entrevista para os Professores das salas comuns envolvidos com alunos autistas e Coordenadores Pedagógicos, nos levando a compreensão da formação necessária, dos desafios, das dificuldades, angústias, anseios, frustrações e necessidades destes professores. Os lócus desta pesquisa ocorreram na Escola UME José da Costa Barbosa da cidade de Santos/SP– Brasil, que atendem alunos na faixa etária entre três a seis anos na modalidade da Educação Infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação Docente. Autismo. Educação Infantil.

### **INTRODUÇÃO**

Este resumo expandido aborda questões específicas sobre a formação continuada de Professores e Coordenadores da Escola UME José da Costa Barbosa da cidade de Santos/SP, para o atendimento e inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, tendo com temática a *Inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista na Escola UME José da Costa Barbosa da cidade de Santos/SP: um desafio na formação docente*. O interesse pela temática desta pesquisa nasceu na autora, pela sua experiência profissional na função de gestora em diversas escolas Municipais na Cidade de Santos do Estado de São Paulo/Brasil, onde nesta longa jornada e especificamente nos últimos anos, vem ocorrendo um expressivo e crescente número de matrículas de alunos com Transtorno do Espectro Autista.

As vozes que ecoavam nas escolas em que eu mesma atuei como Gestora, são de dúvidas, incertezas, inseguranças e medos diante atitudes e comportamentos díspares de crianças ora invisíveis em seu comportamento, passivas e introvertidas, frágeis, fechadas em um mundo intransponível, ora com comportamentos agressivos, extremamente nervosos, verdadeiros vendavais que fugiam ao nosso controle nos tornando incapazes de ajudá-las.

“O autista sente dificuldade em se relacionar ou se comunicar com outras pessoas, uma vez que ele não usa a fala como um meio de comunicação” (MENEZES, 2012, p. 25).

Questionamentos sem respostas surgiram e tornaram-se diários em nossas práticas pedagógicas: Todos os alunos estão na escola para aprender e se desenvolver, mas como? O que fazer com essas crianças? Como contribuir para o desenvolvimento delas? Qual era o nosso papel? Como fazer da nossa escola um espaço verdadeiro de inclusão? Perguntas que nos moveram a buscar ajuda, além dos muros da escola, na tentativa de compreender melhor nossa função e na superação da frustração de todos os atores envolvidos nesse quadro em tela.

Observa-se claramente neste contexto os desafios e angústias do professor da sala regular de ensino, o embaraço da escola e a insegurança dos pais, gerando as incógnitas que resultou no interesse dessa temática como abordagem de pesquisa e análise para descoberta dos principais entraves e barreiras que dificultam a atuação dos professores da sala comum

para o efetivo sucesso da inclusão destes estudantes em uma escola regular, assim como preconizados nas leis.

“Compete à escola adaptar-se para atender às capacidades e necessidades do estudante na classe comum, mobilizando ações e práticas diversificadas que, além do acesso, propicie condições de permanência exitosa no contexto escolar” (KELMAN, et al, 2010, p. 226).

Outro fator importante é “Capacitar os professores e as escolas a trabalhar com um currículo que responda a estas exigências é, pois, o grande desafio que se coloca à própria escola e aos serviços de apoio” (CORREIA, 2008, p. 47).

Interposta à relevância que poderia alcançar esse estudo, optou-se por realizar essa pesquisa através da análise profunda das formações adequadas e específicas para atender as necessidades dos alunos com transtorno do espectro autista para assim responder a pergunta problema central desse estudo que é saber se os professores da Escola UME José da Costa Barbosa da cidade de Santos/SP, possuem formação necessária para atender às necessidades do ensino aprendizagem dos alunos com Transtorno do Espectro Autista?

Dessa forma, decidido o objeto de estudo tornou-se evidente que o objetivo geral seria analisar se a formação dos professores da Escola UME José da Costa Barbosa da cidade de Santos/SP, atende as necessidades da inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, no ano letivo de 2018. E como objetivos específicos: identificar se a formação dos docentes atende as necessidades da inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista; analisar qual a formação necessária para o sucesso das práxis educativas deste professor; conhecer a opinião dos docentes sobre a sua formação para dar resposta a este alunado.

Verifica-se, portanto, que para o atendimento com excelência e respeito a este público de estudantes com necessidades educacionais especiais a escola precisa transformar-se para tornar-se toda ela inclusiva. Porém, é relevante considerar que o processo de inclusão não pode ser resumido à esfera formal da matrícula dos sujeitos com Necessidades Educacionais Especiais na escola comum.

Claramente, constata-se que a Educação Especial não é somente mais uma tarefa específica a que a escola deve se dedicar, mas um horizonte no qual a escola precisa estar efetivamente inserida. Isto é, a escola precisa transformar-se para tornar-se toda ela inclusiva. Mais do que isso, todos os atores (gestores, professores, pais, funcionários e todos os envolvidos no contexto escolar) necessitam de conscientização e formação continuada. “Tanto a formação inicial como a formação continuada do professor em serviço deve englobar conceitos e uma prática pedagógica que criem as condições para uma prática educativa coerente com o projeto inclusivo” (BEYER, 2007, p. 80).

E em maior tonicidade, um olhar reflexivo na formação do professor da sala regular, assegurando-lhes de fato, que esta seja contínua e constante, para que lhe possibilite real sucesso em sua prática pedagógica. É necessário se reinventar apostando na afirmação de Direitos Humanos fundamentais da igualdade à existência e dignidade e refutando as premissas excludentes da escola moderna.

## **METODOLOGIA**

Como parte importante dessa investigação, a pesquisa científica é um processo complexo e lógico compostas por múltiplas etapas estritamente vinculadas entre si que acontece de forma contínua e sequencial. Nesse pressuposto, é importante a conceituação do termo método: Método, de acordo com CAMPOY (2018, p. 41) “significa um caminho, um procedimento: caminho a seguir para alcançar um fim proposto de antemão”. O método é, portanto, algo muito mais complexo que uma simples sequência unidimensional de passos.

Para essa pesquisa apresentamos como paradigma qualitativo de investigação por se tratar de uma investigação social. Além disso, a abordagem desse paradigma nos permitiu a

compreensão e a interpretação dos fenômenos em estudo, proporcionando uma compreensão múltipla da realidade sobre a formação docente no acolhimento dos alunos de Educação Infantil que possuem autismo. Para MINAYO (2011, pp. 21-22): “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”.

De antemão explicitamos que essa pesquisa possui caráter descritivo, onde possibilitou descrever as reais situações das formações docentes inclusivas para atender a esses alunos com TEA. GIL (2008, p. 89) nos revela sobre a pesquisa tipo descritiva: “entendemos que as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Por exemplo, quais as características de um determinado grupo em relação a sexo, faixa etária, renda familiar, nível de escolaridade etc”.

Outro ponto extraído do tipo descritivo foi a parte em que consentiu a descrição minuciosa das características do fenômeno relacionado a importância da formação docente dos professores da sala regular, pois segundo TRIVIÑOS (2006, p. 128), quando “uma investigação se baseia na fenomenologia, ela assume caráter essencialmente descritivo”.

A seleção dos participantes é uma parte relevante de uma investigação, ou seja, através da participação desses atores encontraremos as respostas para os objetivos de uma investigação. No entanto, é necessária coerência entre a temática e os participantes para que esses agentes participativos sejam capazes de participar e oferecer respostas significativas para este estudo.

Em relação a este quesito e mediante a contextualização da pesquisa, podemos afirmar que obtivemos um alcance positivo de participação, haja visto, o êxito que obtivemos na aplicação dos instrumentos aos profissionais envolvidos com os alunos autistas. Os participantes desse estudo são professores e coordenadores.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O intuito desse capítulo é apresentar os resultados dessa investigação que trata saber se os professores possuem formação necessária para atender às necessidades do ensino aprendizagem dos alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola UME José da Costa Barbosa na cidade de Santos/SP.

Segundo GIL (2008, p 156): “a análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas”.

Nesse pressuposto optamos por uma análise em Categorias, de forma a unificar os resultados, denominados eixos comuns, e assim apresentar coerentemente dados concisos e coerentes com as perspectivas desse estudo e responder aos objetivos e ao problema que norteou a pesquisa. Para MINAYO (2011) a palavra categoria se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. “De um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa”.

Seguimos uma dinâmica específica para selecionar as categorias: Nos apropriamos das respostas dos participantes de modo a construir eixos que correspondiam entre si de forma que pudessem responder a cada item categorial. Criando assim as categorias de análise.

Assim apresentamos abaixo as categorias de análise:

### **Resultado da 1ª Categoria: Percepção dos professores com respeito a presença em sala de aula de alunos com TEA**

Na abordagem dessa categoria foi possível estabelecer algumas situações que permitem compreender sobre a percepção dos profissionais que recebem alunos com TEA em sua sala.

Por sua vez, a falta de apoio especializado foi citada várias vezes como sendo um fator de grande importância e que de fato não se encontra presente nessa instituição. Outro fator de grande importância se relaciona a participação familiar nesse processo, fator apontado como ausente nessa escola.

Para o P1: “Não há muito o que fazer rem uma sala de alunos com deficiências variadas, falta de mediador, falta de estrutura física e muitas vezes falta de comprometimento da família”.

A análise dessa categoria nos fez compreender que os professores não se encontram satisfeitos com as práticas que estão exercendo, pois têm a plena consciência que não estão oferecendo a esses alunos o que realmente eles necessitam, uma educação de qualidade. A vontade de fazer melhor apontada pelas suas falas é realmente efetivar uma inclusão de verdade, o que de fato não está sendo executada por eles, por inúmeros motivos: falta de formação específica continuada; salas superlotadas, estrutura escolar, material adequado.

### **Resultado da 2ª Categoria: Necessidades formativas do docente para a resposta. Motivação dos professores para melhorar sua formação**

Nessa categoria em que tivemos dois grupos de participantes: professores e Coordenadores, nota-se a preocupação dos professores quanto a falta de formações específicas para atender com qualidade os alunos autistas. No momento em que abordamos essa categoria nos conscientizamos de que os professores não recebem orientações acerca desse aluno no momento em que este está sendo matriculado o em sua sala, apenas são informados que existe um aluno que possui esse transtorno e isso é só.

O P5 comprova: “infelizmente não há uma orientação específica, simplesmente um comunicado sobre o transtorno que o aluno possui”.

“Geralmente não há orientações” (P9).

Da mesma forma se expressa o P3: “não existe orientações, procuramos estudar e nos informar acerca de tudo, o que torna muito complicado”.

No ponto de vista desses professores, seria necessário um repasse geral da situação do aluno com TEA para que as informações prévias pudessem ajudar em todo o processo de aprendizagem e desenvolvimento.

No entanto, analisamos o quanto as formações são necessitadas pelos professores, como também pedem ativamente por atividades práticas, oficinas, menor quantidade alunos por sala, materiais, isso tudo em prol de uma inclusão de qualidade.

Ainda nesse mesmo ponto, o coordenador confirmou as falas dos professores e julgou como necessário uma formação específica para os professores da sala comum e não somente para os professores mediadores e os professores do AEE.

Para o C1: “é importante que se tenha uma formação específica na área e também formações constantes com palestras e encontros para abordagem de temas e oficinas que auxiliem no trabalho a ser desenvolvido. Contudo a prática é fundamental para lidar com as adversidades do cotidiano”.

### **Resultado da 3ª Categoria: Os alunos com TEA em sala de aula: Como é percebido pelo resto dos alunos**

Para que a inclusão seja de fato uma realidade nas escolas brasileiras, um dos pontos cruciais para este fim é justamente o acolhimento dos alunos com deficiência nas salas e aulas regulares, e, portanto, nesse ponto estabelecemos análises importantes no que diz respeito a esse embate.

Percebemos ao longo desse discurso que os professores acreditam que a afetividade é o caminho para conquista da socialização entre professor/alunos e alunos/alunos. Onde nesse sentido, apontam que devem respeitar as diferenças e o tempo que cada aluno possui no processo de desenvolvimento, contado sempre com o apoio do amor, paciência e carinho.

Assim o P12 relata: “agindo com carinho e firmeza para que aprenda a respeitar as regras e combinados, mas trazendo o aluno sempre para junto de si. O aluno autista sempre testa seus limites junto ao ambiente e ao professor à medida que se sente seguro passa a ser mais cordial e obediente”.

Entretanto para a maioria dos professores não é uma tarefa fácil incluir um aluno autista entre os demais, ainda mais quando se trata de um autismo em grau severo, portanto, necessitam de apoio do profissional mediador para atendimento individual para que nenhum dos alunos sejam prejudicados no processo de aprendizagem.

“Na maioria das vezes o vínculo afetivo demora a ocorrer. Sabemos da necessidade dos comandos da simplificação dadas; do olhar no olho. Esses são itens trabalhados, entre outros” (P1).

#### **Resultado da 4ª Categoria: As dificuldades para inclusão dos alunos com TEA em sala de aula**

Nessa categoria em que foi possível a análise dos professores como também do coordenador, tivemos através da fala dos participantes a plena convicção que a falta de formações e capacitações efetivas e de qualidade são os principais obstáculos para efetivas a qualidade de ensino ofertado para todos em especial para os alunos autistas.

“A falta de preparação de informações sobre as síndromes novas que mesmo fazendo cursos, na sala de aula e na prática a realidade é bem diferente da teoria” (P7).

Nesse ponto, nos deparamos com professores desmotivados e angustiados com a solidão que enfrentam a prática da inclusão de alunos com TEA, visto que a escola possui materiais, porém não é oferecido suporte para desenvolver na prática esses materiais.

Um outro ponto também muito debatido no decorrer dessa análise se refere as salas superlotadas que dificulta o trabalho dos professores, no qual estabelecem que isso torna a educação inclusiva sem nenhuma qualidade.

Os profissionais da saúde existem, estão disponíveis, portanto não vem estabelecendo uma parceria com os professores, como também não vem agindo de forma preventiva aos avanços do TEA. Bem como, as ações preventivas com o desenvolvimento da aprendizagem ficam a desejar quando o assunto é contar com a ajuda dos profissionais da saúde.

Segundo o P6: “as salas ou turmas lotadas, sem condições adequadas para o atendimento deste aluno. Geralmente são crianças que não aguentam barulho e agitação. Também, enfrente dificuldades numa integração ou vínculo com a família, com os professores do AEE e com outros profissionais da área da saúde”.

#### **CONCLUSÕES**

Após efetuarmos com profundidade toda teoria que embasa essa pesquisa e nos determos a analisar os dados que recolhemos dessa investigação somos capazes então de relatar nossas conclusões sobre a temática que tratou da *INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA UME JOSÉ DA COSTA BARBOSA DA CIDADE DE SANTOS/SP: UM DESAFIO NA FORMAÇÃO DOCENTE*.

Levando em consideração esses aspectos podemos relatar de uma forma geral que essa instituição, no qual foi realizada a pesquisa, apresenta fragilidades importantes para o acolhimento dos alunos autistas. No decorrer da aplicação das entrevistas fomos nos

conscientizando que alguns pontos necessitam serem revistos para que a inclusão desses alunos seja realmente algo efetivo e de qualidade.

Assim como relatado no marco teórico, as duas esferas participantes da pesquisa, expuseram suas opiniões, crenças e angústias acerca da inclusão escolar dos alunos autista na escola infantil José da Costa Barbosa. É cabível ressaltar nesse momento que em nenhum momento a opinião do coordenador contraria a dos professores, visto que o sentimento de desmotivação, incapacidade foram demonstrados pelos profissionais que forma entrevistados.

Outro fator importante que pudemos extrair dessa investigação foi justamente conscientizarmos o quanto se torna importante para todos os profissionais de educação as formações contínuas, os cursos de extensão, entre outros, pois se tornam fatores que enriquecem as práticas pedagógicas e motivam os profissionais a melhorar sua autoestima.

Diante de tudo que pudemos recolher e interpretar, concluímos que esses professores percebem que não são capazes de atender as necessidades educativas de um aluno com autismo, por vários motivos apontados durante as entrevistas. Acreditam que poderia ser feito mais para que o recebimento desses alunos fosse melhor planejado e mais informações acerca de seu transtorno fosse melhor repassado.

Por conseguinte, apontamos de forma conclusiva nada mais que, equipe docente insegura e desmotivada mediante suas práticas, porque não somente foi colocado por esses profissionais que os alunos ditos normais seriam prejudicados com a inclusão dos alunos com TEA, mas que os próprios alunos autistas estão sendo incluídos em um sistema que não lhes dão condições alguma de desenvolver suas habilidades, seja por falta de formação específica para os professores, seja por salas superlotadas ou até por falta de profissionais que lhes auxiliem no trabalho pedagógico.

Compreendemos embasados teoricamente e legalmente, que a inclusão é de fato uma ideologia plantada pelos documentos oficiais, como algo que está em pleno processo de desenvolvimento e que na prática a inclusão não funciona como está escrito no papel. Como também, na teoria dos estudiosos vimos o quão imaginários são os centros educativos que eles apresentam e na realidade não estamos vivenciando essa inclusão apresentados nos livros e documentos legais.

## **REFERÊNCIAS**

- BEYER, H. O. A educação inclusiva: ressignificando conceitos e práticas da educação especial: Revista inclusão, v. 2, 8-12. 2007.
- CAMPOY, T. Metodología de la investigación científica. Ciudad del Este (py) U.N.C. del Este, 2018.
- CORREIA, L. de M. (1999), apud MORGADO, José Carlos. Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares. Porto. 2008.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. Atlas, 2008.
- KELMAM, C. A. [et al]. ALBUQUERQUE, D. e BARBATO, S. - Organizadoras. Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar. Brasília, Editora UnB, 2010.
- MENEZES, A. R. S. Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende? Dissertação de Mestrado, UERJ, 2012.
- MINAYO, S. M. C. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Editora Vozes Limitada, 2011
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo. Atlas, 2006.